

## **FORMAÇÃO ARTÍSTICA E UM *CORPO-PROFESSOR* DE ARTE**

**DE LUCA, Deise Cristiane**

**IFSul**

**deisecristianedc@gmail.com**

**COELHO, Alberto d'Avila**

**IFSul**

**albercoelho@terra.com.br**

**Palavras-chave:** **Corpo-professor.** **Tornar-se quem se é.** **Ensino e Arte Contemporânea.**

### **Introdução**

Buscar por um modo inventivo de iniciar uma escrita torna-se um processo doloroso, mas desejado. É como caminhar por entre ideias que flutuam. Quando algo começa a pulsar nas conexões do pensamento, ideias, letras, frases, conceitos chegam sem avisar e eis que já estou no texto, na escrita desejada. Mas “falar” de quê? Com o quê? O que desejo? Percebo que é aos poucos que se ganha um *estilo*.

Perder-me nesse desassossego, que me tira do conforto, é a cada escrita tornar-me outra. Outra que a todo instante percebe-se em um movimento de linhas que correm soltas, se cruzam, encontram outras, emaranham-se e, em diferentes velocidades, tecem movimentos espirais, transversos. Constroem caminhos, trazem as cores de uma busca que me constrói. E se eu buscava por algo a “falar”, com o que falar, com o que escrever, sinto que já o encontrei: falo de mim, escrevo comigo. Do meu “tornar-me o que eu sou” com arte. Quando sou *performance?* *Objetual?* Efêmera? Quais componentes da arte tem agenciado meu *corpo-professor*?

Nas trilhas que vão se abrindo e ganhando um colorido, antigas verdades descobrem novas possibilidades, e se (trans)formam junto a escrita de uma professora em (des)construção. Nesses caminhos, sou submetida a constantes suspeitas que sugerem um guia, um modo de fazer. Ao investi-las gero pequenos movimentos. E ainda não sei bem para onde vou, mas sei que é disso que desejo, é isso que “fala” em mim.

No traçar deste projeto de pesquisa, o campo problemático apresenta-se amplo, mas aos poucos algumas pistas sugerem pequenos recortes. Quero mostrar o que de desforme, de aformal há em mim e que está em profunda sintonia com a arte contemporânea. Minhas experiências com arte contemporânea, ensino e produção poética, têm me levado a questões que se referem aos modos de subjetivação que compreendem minha vida de professora e minhas práticas pedagógicas, na qual se destacam conceitos como corporeidade, interatividade, espaço-tempo, efemeridade, dentre outras, em meio à experiência do tempo-espacó contemporâneo.

Diante de tais experiências desejo investigar a constituição de um *corpo-professor* de arte problematizado no seu “tornar-se quem se é”, a partir do contato com Artes Visuais. Minha “formação artística” altera minha formação docente? Quais componentes estão neste jogo de formar-se ou de tornar-se professor de arte, envolvido com as (i) materialidades da arte contemporânea?

Nesta noção de *corpo-professor*, talvez sim uma noção, pois não há vontade de fazê-la tornar-se um conceito, cruzam a concepção de *corpo* segundo Deleuze e Guattari (1996, p 9), como “um conjunto de práticas” que se altera na relação e nos diálogos com a

arte, em especial a contemporânea, por agenciamentos que deslocam forças constituindo-o ética e esteticamente.

Proponho, em um exercício do pensar, tratar de *encontros* com propostas artísticas e com outras ações, que (trans)formam um *corpo-professor* de arte na contemporaneidade, considerando a arte como campo de criação de possíveis modos de ser. Um corpo que desperte e provoque a *diferença*. Deste modo, Deleuze dirá que o corpo (1996, p 13), “não é o espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço, em tal ou qual grau - grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada [...] Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero”.

Um *corpo-professor* que busca recriar-se, através daquilo que *experiencia* em potência. Corpo que se dá nas relações, nos *encontros*, nas trocas, pleno de intensidades nas situações colocadas pela rotina da sala de aula. Corpo intensivo. Corpo que dialoga com o que Suely Rolnik chama de *marcas*. Para Deleuze e Guattari, corpo de *affectos*.

Assim, corpo como criação de desejo, intensidades e forças a lhe movimentar. Tais intensidades, nesta pesquisa, reverberam através da prática em sala de aula, em um tornar-se que não cessa; um corpo de professor que, no incômodo de sua existência, em seu padecimento (GALLO), encontra no próprio organismo um impulso capaz de promover deslocamentos na ideia de ensino como representação e repetição. Para Deleuze e Guattari (1996, p19) “organismo não é o corpo, [...] quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”.

Nesta busca, questiono juntamente com Deleuze e Guattari (1996): “Como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante?”

O atuar docente, constituído de potência, (trans)forma, (de)forma e (re)forma os corpos que se constroem durante e através de tal contexto. Conforme Jardim (2004, p. 2) “os modos de existência se atualizam como atividade e não passividade”. Nas diversas ‘formidades’, obrigatoriedades e inconformidades existentes na escola, gênese de um modernismo ou passado que assombra, a contemporaneidade exige um novo olhar.

Deleuze e Guattari (1996, p 22) destacam que “desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor”. Entende-se que um corpo, mesmo que imerso em um ‘estado domado’, cria novas intensidades quando busca por uma nova *estética*, produzindo modos de subjetivação que em constante movimento modificam-se, transformam-no em outros.

Buscando produzir um pensamento sobre como a experiência com a arte, sobretudo a arte contemporânea, problematiza-se a atuação docente, insistindo não em um ser professor, mas em um estar professor, que em movimentos de subjetivação, não se fixando em uma identidade, constitui-se *corpo-professor* na *diferença*.

## Metodologia

Como componente que integra o campo problemático de pesquisa proponho, num primeiro momento, mapear os meus encontros com a arte contemporânea, as relações com ensino da arte e o “tornar-se quem se é” na perspectiva da noção de *corpo-professor*. Pretendo cartografar acompanhada dos autores das *Filosofias da Diferença*, como Gilles Deleuze e Felix Guattari, também com Nietzsche, Suely Rolnik e Foucault, “encontros” geradores de novas frequências e ressonâncias que constituem esta pesquisa.

## **Resultados e discussão**

Neste processo investigativo, que ainda dá seus primeiros passos, ao delimitar aspectos da arte contemporânea, sua capacidade de influenciar comportamentos oferecendo uma “forma artística” ao pedagógico, o desejo é menos a apresentação de modelos e aplicação de teorias, e mais a produção de um pensamento a partir de possibilidades que se apresentam nas conexões entre formação docente (educação) e formação artística (arte).

Conforme Pelbart (2008) “somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado. Mas jamais sabemos de antemão qual é nossa potência, de que afectos somos capazes. É sempre uma questão de experimentação”. Experimentações que se dão na ordem do incomum, de um ‘algo a mais’, que Rolnik (2002, p. 271) assim explica: “esse ‘algo mais’ que acontece em nossa relação com o mundo, se passa numa outra dimensão da subjetividade, bastante desativada no tipo de sociedade em que vivemos”, o que a autora passa a chamar de “corpo vibrátil”. Problematiza-se assim, a ação do professor de arte quando este passa a atuar numa produção de subjetividade que articula seu corpo trivial e seu corpo vibrátil com outros corpos, cujas conexões poderão gerar práticas potencializadoras, experiências que talvez constituam modos de pensar o mundo distante do clichê.

Busco pensar esta proposição de corpo pelo olhar que, ainda no diálogo com Rolnik (2002, 272) “é um algo mais que captamos para além da percepção (pois essa só alcança o visível) e o captamos porque somos por ele tocados, um algo mais que nos afeta para além dos sentimentos (pois esses só dizem respeito ao eu)”.

## **Considerações finais**

Quando a arte, em suas produções artísticas, encontra-se novamente com o cotidiano, depois de todas as abstrações, de todas as especificidades, passamos a falar de uma contemporaneidade na arte. A arte volta-se para a vida. Mistura-se com ela. Considerando o campo da educação e a vida de um professor de arte, trabalhar com arte contemporânea poderá estar na realidade cotidiana deste professor. Evidentemente essa presença se manifesta nas suas práticas pedagógicas, mas não só, também nas posturas frente à vida, em seus aspectos éticos e políticos. Deste modo, trata-se também da capacidade que o professor adquire de, a todo o momento, traçar seu plano de imanência construindo uma vida. Formação docente e formação artística imbricadas nesta construção.

Em meio a este processo constante que é o ‘constituir-se’, produz-se nos corpos, através dos *afetamentos*, o que Rolnik chama de “estados inéditos”. Desestabilidades, inquietudes e estranhezas, e que ao serem ativadas e ‘respondidas’, faz com que se inicie um movimento-tornar-se outro. Tidos como dispositivos, estados verificados no corpo transcendem o lugar comum, pela sua *duração*. Para a autora, (1993) “cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir”. Para Deleuze e Parnet (1998, p 9) “devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar”. Degustamos assim de um corpo imanente, que se faz no presente e em constante movimentação, que se reconhece, e se dá, através do contato com o outro corpo - o corpo da arte, o corpo do aluno, o corpo do tempo... e que transforma, segundo Rolnik, minha existência, meu modo de sentir, de pensar, de agir...

## **Referências**

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Clarie. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998, 184p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**: Vol. 3. Rio de Janeiro, ed: 34. 1996
- GALO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Pg 55
- JARDIM, Alex Fabiano Correia. **Impessoalidade e modos de vida em Gilles Deleuze: breves considerações**. 2004
- PÁL PELBART, Peter. **Poderíamos partir de Espinosa...** (in) *Próximo Ato: Questões da Teatralidade Contemporânea*, coord. SAADI, Fátima. GARCIA, Silvana. São Paulo. Itaú cultural, 2008, pp. 32-37. Disponível em <<https://artesescenicas.uclm.es/index.php?sec=texto&id=182>> último acesso em 28/09/2013.
- ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir**: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. (in) *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.
- ROLNIK, Suely. **Subjetividade em obra**: Lygia Clark artista contemporânea. (in) Nietzsche e Deleuze: o que pode um corpo. Org: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE. Secretaria da Cultura e do Desporto, 2002.